

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Órgãos humanitários relatam problemas para chegar a cidades ucranianas sitiadas. Unicef alerta que crianças estão muito vulneráveis

Ajuda a civis dificultada

WOJTEK RADWANSKI



Famílias esperam ônibus para seguir trajeto rumo à Polônia: ONU estima que 1,5 milhão de crianças deixaram a Ucrânia



As crianças deslocadas são extremamente vulneráveis ao serem separadas de suas famílias, exploradas e traficadas. Elas precisam que os governos da região intensifiquem e implementem medidas para mantê-las seguras

Afshan Khan, diretor-regional do Unicef para a Europa e Ásia Central

Em meio ao uso de artefatos de guerra considerados invencíveis pelo governo russo, também têm parecido insuperáveis os obstáculos para salvar a população civil do conflito. Organizações de ajuda humanitária criticam que não conseguem chegar às cidades ucranianas sitiadas, onde milhares de pessoas esperam alguma forma de assistência. Aqueles que conseguem sair do país, por sua vez, estão em condição de muita vulnerabilidade, o que pode favorecer “o tráfico de pessoas e uma crise aguda de proteção infantil”, alertou, também ontem, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

“A guerra na Ucrânia está levando a deslocamentos em massa e fluxos de refugiados (...) As crianças deslocadas são extremamente vulneráveis ao serem separadas de suas famílias, exploradas e traficadas. Elas precisam que os governos da região intensifiquem e implementem medidas para mantê-las seguras”, disse Afshan Khan, diretor-regional do Unicef para a Europa e Ásia Central. A agência das Nações Unidas estima que cerca de 1,5 milhão de crianças fugiram da Ucrânia e “inúmeras outras” estão deslocadas dentro do país desde o início da invasão russa.

A quantidade de meninos e meninas que tentam fugir do país desacompanhados também preocupa. De 24 de fevereiro a 7 de março, o Unicef identificou mais de 500 crianças nessas condições tentando cruzar a fronteira da Ucrânia para a Romênia. A agência pediu aos governos que reforcem, entre as autoridades de controle de fronteira, a importância de aplicação de leis de proteção infantil e da identificação rápida de crianças separadas.

O Unicef considera que as crianças enfrentam “uma ameaça imediata e crescente”. Ao menos 103 morreram desde o início do conflito, incluindo quatro na capital, Kiev. Autoridades do país também calculam que pelo menos 10 escolas foram destruídas e alertam que a situação é mais crítica nas cidades sitiadas de Kharkiv, no nordeste, e Mariupol, no sudeste.

Tática de cerco

Na avaliação de Jakob Kern, coordenador de emergências do Programa Mundial de Alimentos (PMA) para a crise na Ucrânia, essas áreas mais pressionadas pelos

soldados russos estão em situação “catastrófica”, submetidas a “uma tática de cerco que é inaceitável no século 21”, criticou, em entrevista à agência France-Press de notícias (AFP). A inteligência britânica alertou que os fracassos em atingir objetivos traçados para a invasão ao país vizinho têm levado Moscou a investir em uma estratégia de desgaste que pode intensificar a crise humanitária (Leia mais ao lado).

O PMA, também das Nações Unidas, espera alcançar 3,1 milhões de pessoas na Ucrânia, mas os esforços para levar produtos como macarrão, arroz e carne enlatada são prejudicados pelas dificuldades em encontrar voluntários para o transporte. “Quanto mais nos aproximamos dessas cidades, mais eles se preocupam com a segurança. E isso significa que não temos a capacidade de alcançar as pessoas em Mariupol, Sumy e Kharkiv, cidades que estão quase ou completamente cercadas”, afirma Kern.

Segundo o diretor, que trabalhou para o PAM, durante três anos, na guerra da Síria, a tática de cerco usada pelos russos na Ucrânia é semelhante, mas com consequências mais grave devido ao tamanho das cidades atingidas. “Seria necessário quase um comboio diário para fornecer alimentos básicos a uma população de meio milhão ou 1 milhão de pessoas. Isso implica estabelecer um corredor humanitário permanente com essas cidades”, explica.

Cerca de 190 mil civis foram removidos de áreas sob ataque russo desde o início da invasão, segundo a vice-primeira-ministra da Ucrânia, Iryna Vereshchuk. Ontem, autoridades dos dois países concordaram com a abertura de 10 corredores humanitários para a retirada de pessoas e a prestação de serviços humanitários. O Conselho de Direitos Humanos da ONU estima que, em 25 dias de guerra, morreram, na Ucrânia, 847 civis — sendo 64 crianças.

AFP



Papa visita refugiados

O papa Francisco fez, ontem, uma visita surpresa a um grupo de 19 crianças ucranianas que chegaram à Itália fugindo da invasão russa. O pontífice passou a tarde no Hospital Pediátrico Bambino Gesù, administrado pelo Vaticano. “Ele parou nos corredores e visitou todas as crianças presentes antes de retornar ao Vaticano”, relatou, em comunicado, a Santa Sé. O centro de tratamento, conhecido popularmente como o hospital do papa, se ofereceu para acolher crianças ucranianas com patologias variadas, como cânceres e doenças neurológicas, além de feridas gravemente por artefatos explosivos. Segundo o Vaticano, 50 crianças refugiadas passaram pelo hospital desde o início do conflito.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

RÚSSIA: UM PODER FORA DE MODA

Há um argumento convincente de que o poder das nações é organizado em termos de quem conta com mais conexões. Mais do que isso, há ainda mais poder e responsabilidade em quem controla essas conexões. Governar tem a ver com as ferramentas de ligação, direcionamento e escoamento.

Em termos de alianças militares, sistema financeiro, multinacionais e tecnologias digitais de informação, os EUA detêm uma vantagem enorme. Especialmente quando esses quatro pilares se unem em torno de um objetivo, fica clara a assimetria de poder que existe no mundo.

Quando Putin decidiu usar mais uma vez a violência para afirmar a supremacia russa perto

de sua fronteira, ficou exposta sua fragilidade como estado no mundo atual. Mostrou também a fragilidade de como um gigante de 45 milhões de habitantes como a Ucrânia está às expensas da agressão de um país maior e com superior poderio militar.

Mostrou, mais ainda, que estamos num mundo em que até um Estado poderoso, como a Rússia, pode ser neutralizado por quem controla mais conexões internacionais críticas. As quais são justamente alianças militares, sistema financeiro, multinacionais e tecnologias digitais de informação. Putin entrou em um beco com poucas saídas.

Final, a Rússia é gigante, mas, como tem muito poucas conexões e está relativamente

exposta a conexões que não controla, vive a angústia de ser um gigante obsoleto. A Rússia pode sobreviver isolada, mas seria um experimento atroz para a população russa e os nervos de seus vizinhos.

Em última análise, a força é dos EUA, porque eles conseguem articular uma visão mais inclusiva, livre, respeitosa e cooperativa de ordem mundial. Agem a partir do seu sistema de alianças, mantendo melhores conexões, com clara preocupação democrática. Por isso mesmo, cuidado, não se combate autoritarismo com autoritarismo.

Nem é prudente se misturar um confronto de violência real — Rússia contra Ucrânia — com outros desconfortos, a fim de se resolver, de uma vez por todas, “tudo que está errado no mundo”. A democracia pode mesmo sair mais forte desse imbróglio, desde que não passe da conta.

Na guerra atual, os EUA estão aprendendo o que querem sobre o funcionamento do

mundo, enquanto os demais países aprendem o que podem.

O mundo hiperconectado padece da falta de convers, inundado de falatório demais em Twitter e afins e parco em diálogos, como se o mundo estivesse ficando mais burro.

Uma das mais alvissareiras notícias da semana é a de que altos encarregados de assuntos estratégicos da China e dos EUA se encontraram longamente em Roma. E dias depois, na sexta-feira, ocorreu uma conversa, à distância, entre Biden e Xi.

A conversa de Roma dá mais perspectiva nesse imbróglio. Conta a história que a partir de Roma, exércitos liderados por líderes de ímpeto expansionista formaram um império que se expandiu até a Grã-Bretanha. Eventualmente, foram empurrados de volta por vários povos “bárbaros” que estavam ou insatisfeitos com a invasão de suas terras ou com suas próprias índoles expansionistas afloradas. Roma viu também a fragilidade

de ditadores e desavenças que resultam em cismas.

Enquanto a Rússia busca conseguir o que quer com violência, há um teste, por parte dos EUA, sobre o que é possível ser alcançado, em termos de mudança de regime e de comportamento, com sanções e punições “não-violentas”. De toda forma há uma continuidade, gradações, em direção a ações mais violentas.

Apesar de a lógica ser antiga e se manifestar na estratégia dos EUA de manterem um balanço favorável de aliados militares, além da vasta superioridade militar que o país possui, é uma demonstração de como todas as conexões digitais e financeiras podem ser usadas como alavanca para parar um adversário.

A Ucrânia resiste, também, porque tem uma rede de apoio internacional que cresce, à medida que a opinião pública se inflama com notícias da desumanidade da guerra.

Mas o conflito, desnecessário e destruidor, não precisa de mais envolvidos.

A China, apesar de extremamente conectada com o mundo em termos de negócios, não é um país que baseia suas relações em alianças militares. Espetula-se sobre a extensão de seu acordo com Moscou, mas não parece razoável tentar “enquadrar” Pequim.

Final, no limite, a China também pode sobreviver isolada. Mas, por várias razões, não parece ser inteligente forçar tal situação. É, na verdade, uma oportunidade para EUA e China trabalharem juntos para resolver um problema. O problema são as barreiras à compreensão mútua.

Quando os países se entendem, ferramentas funcionam, a escassez diminui e o bem-estar aumenta. Quando a falta de entendimento impera, há um redirecionamento de recursos em direção a conflitos.

PAULO DELGADO, sociólogo